

Coordenador de si mesmo

Presidente vem assumindo tarefa de auxiliares discretos

Ailton de Freitas/21-3-01

Cristiane Jungblut e Adriana Vasconcelos

● BRASÍLIA. A crise na base, diante da ameaça da CPI da Corrupção, mostrou que o presidente Fernando Henrique conta hoje apenas com um articulador político: ele mesmo. Para sepultar a CPI, o presidente teve de intervir nas discussões com o Congresso. Pelo menos três articuladores demonstraram pouca iniciativa para brechar a crise que ameaçou o governo: Aloysio Nunes Ferreira (secretário-geral), Pedro Parente (Casa Civil) e Moreira Franco (assessor especial).

Assumindo a tarefa, Fernando Henrique recheou a agenda com encontros com parlamentares e líderes de partido. Além disso, teve de ligar para senadores como José Fogaça (PMDB-RS) e José Alencar (PMDB-MG). O mais constrangedor foi ouvir negativas dos dois parlamentares a seu pedido para que não assinassem a CPI.

Fernando Henrique se viu obrigado até a reatar relações com desafetos. Na terça-feira, recebeu o líder do PL na Câmara, Valdemar Costa Neto (SP), que há quase seis anos estava rompido com o governo. Também foi levado a reatar com o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), que deixara o Ministério da Justiça muito magoado.

Aliados afirmam que a coordenação política do Planalto foi deficiente na crise, o que está obrigando o presidente a ser biombo, aparando os golpes da oposição e do próprio governo. Além disso, ministros políticos, como Pimenta da Veiga (Comunicações), Paulo Renato



FERNANDO HENRIQUE: biombo de crises

(Educação), Francisco Dornelles (Trabalho) e José Serra (Saúde) também não estariam atuando diretamente na articulação política contra a CPI. Já o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha, não conseguiu evitar a adesão dos gaúchos do PMDB à CPI.

— A pessoa mais fácil de se falar no governo é o presidente. Ele está sozinho. Alguns ministros estão mais preocupados com a agenda de candidato — disse um experiente deputado da base. Aloysio é apontado como de difícil relacionamento e Parente foi criticado por estar em Londres no auge da crise.